

Bem-vindos à sociedade de controle! imagens filosóficas na quarentena

Pablo Enrique Abraham Zunino

Home office e lockdown – ou como aprender inglês na quarentena?

Antes de começar, me parece oportuno indagar acerca do trabalho remoto que muitos de nós estamos fazendo desde casa. Há um termo em inglês para definir isso: *home office*. Logo nas primeiras semanas da quarentena, adaptamos nossa rotina de trabalho a essa modalidade, que se relaciona com outro conceito proferido subitamente como palavra de ordem: *lockdown*, e que poderíamos traduzir como confinamento, auto fechamento ou simplesmente isolamento social. É isso que impede realizar as “viagens de verificação” que supostamente cabem ao cinema.¹ Claro que eu estou pensando aqui o cinema de forma mais ampla. Cada um com seu celular verificando, filmando o que está acontecendo. O *home office*, já nos damos conta, tem aspectos positivos e negativos.

No contexto da luta de classes, há um tratamento diferenciado para as classes médias e as classes baixas; a “necropolítica” surge como um dos conceitos chave para pensar, junto com Mbembe (2018), esta questão do isolamento social. Trata-se de uma forma de poder que envolve decisões sobre a vida e a morte das pessoas. No cenário de migrantes afogados no mediterrâneo, por exemplo, a estratégia é simplesmente “deixar morrer”. Do mesmo modo, a guerra contra o tráfico travada nas favelas é outra variante da necropolítica, desta vez, dizimando a juventude negra.

No entanto, para a classe média tem o auto isolamento como medida preventiva e de cuidado que ao mesmo tempo introduz o que Foucault (1983) chamava de “técnica disciplinar do corpo”, isto é, uma técnica de poder que permite mobilizar as pessoas. Em nome da pandemia, e com razão, se recomenda e até se proíbe que as pessoas saiam de suas casas, onde elas ficam confinadas. Isso lembra muito as análises foucaultianas sobre a “sociedade disciplinar”: a prisão como modelo, mas também as fábricas, as escolas e demais espaços onde os indivíduos ficam reclusos, ali é mais fácil disciplinar seus corpos. De certa forma, é isso que estamos vivendo agora. Por uma razão de força

¹ Este texto retoma algumas questões discutidas durante o *I Ciclo Internacional de Debates: Utopias e Distopias: o mundo pós COVID-19*, organizado pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão – NUPEF/UFRB. Nessa ocasião, fui convidado a compor uma mesa sobre teatro e cinema.

maior – que é o contágio próprio e a possibilidade de contagiar os outros – devemos fazer o *lockdown*. Eis que se coloca o problema do confinamento, de estarmos sendo disciplinados, inclusive pelas videoconferências que são gravadas. Tudo o que nós falamos pode ser acessado por outrem, mesmo sem autorização, sejam *hackers* ou instâncias às quais estamos subordinados. Isso nos coloca em uma situação de controle extremo. Desde aí, quem sabe, possamos construir a resistência, uma alternativa, usando essas mesmas tecnologias de trabalho para tentar criar a linha de fuga. Por enquanto, estamos confinados, sem vínculos sociais, sem laços, sem abraços, sem beijos e não sabemos por quanto tempo.

Com esta técnica se deteve a mobilidade daqueles que viajam por turismo, negócios, congressos acadêmicos etc. Este grupo da população consegue custear voos internacionais, mas também tem um tipo de trabalho que pode realizar-se em casa, um refúgio com acesso à internet, último nicho de mercado das plataformas virtuais como *Zoom* ou *Meet*. A pergunta que subjaz a esta gestão dos comportamentos é sobre a produtividade: quais são os benefícios e a quem se reportam? A quarentena já mostrou que, além de assistir filmes e fazer visitas virtuais a museus, é possível ofertar todo tipo de cursos *on-line*, inclusive, usando essas plataformas para reuniões de trabalho, negócios e cursos de educação à distância. É uma tendência mundial, escreve Estévez (2020), que tomou conta da produtividade. Somos nós que estamos imobilizados, mas essa imobilização não é suficiente para deter a produção e o consumo, que continuam. Se bem o objetivo principal do *lockdown* é evitar a propagação do vírus, não se pode negar que há também consequências nefastas, sobretudo para as mulheres, como já apontam as reivindicações feministas. Como adverte Frateschi (2020), além de trabalharem em regime de *home office*, as mulheres devem cuidar da casa, dos filhos e de tudo que envolve a “reprodução social”, no mesmo espaço físico.

No que tange ao cinema, antes de propor utopias ou distopias, caberia neste momento pensá-lo como projeto estético, mas sobretudo político, no sentido de construir uma realidade positiva. Mas o cinema é apreciado pela sua capacidade de criar ilusões. Sem dúvida, é importante sonhar. Já podemos ver cisnes e golfinhos nos canais de Veneza, até onças pintadas passeiam na BR-324. Toda a fauna animal volta a viver em paz, porque o ser humano ficou confinado. Ares despoluídos nas grandes metrópoles, camada de ozônio se fechando. De fato, o cinema pode fazer-nos sonhar, bem como nos acordar com violentas distopias. Porém, o interessante talvez seja mostrar-nos o “intolerável” do cotidiano, aquilo que está aí a nossa frente, mas não

queremos ver (DELEUZE, 2018, p. 247). Situações de desigualdade social, racismo, violência de gênero, expulsão de estrangeiros, enfim, a pandemia pode estar sendo utilizada como diz o ditado: “mal de muitos, consolo de todos” – ou de tolos, como diriam os que não terminam de convencer-se.

Por isso, o cinema tem a função de mostrar a realidade sem escorregar tanto para a representação ou para a transcendência, buscando a possibilidade do sonho na imanência do real. Essa seria a função do documentário, muitas vezes feito por cineastas amadores e com pessoas reais que atuam de si mesmas para revelar situações de opressão na vida cotidiana.

Filmes brasileiros recentes como *O som ao redor* (Kleber Mendonça Filho, 2012) e *Bacurau* (Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, 2019) colocam essa ideia de que existe uma vizinhança que se ignora, que ninguém quer ver ou que se deseja eliminar a toda costa. Nós estamos aqui, de certa forma favorecidos, porque podemos ter um trabalho remoto, mas há um *som ao redor*; pessoas que eram invisíveis e que a pandemia não só tornou visíveis, mas imprescindíveis. Médicos, enfermeiros, porteiros e todos aqueles que trabalham fora de casa, a maioria pegando ônibus, para cuidar a qualquer custo que a sociedade mantenha o mínimo grau de funcionamento.

Funções da imagem na sociedade de controle

Pensar o cinema a partir de uma concepção filosófica e política da arte supõe reconhecer diferentes funções da imagem, que correspondem aos sucessivos períodos que a sétima arte atravessou ao longo da sua história. Primeiramente, o cinema era visto como uma enciclopédia. Havia uma tela e o desafio era descobrir o que aparecia *atrás* da imagem: belas paisagens ou cenas horríveis, como as da guerra. Depois, o cinema funda uma pedagogia dirigida a nossa percepção e a questão era saber o que havia *na* própria imagem. Por fim, já no período da televisão, se aspira a deslizar para dentro da imagem, uma vez que “nada mais acontece aos humanos; é com a imagem que tudo acontece” (DELEUZE, 2013a, p. 102).

A tela não é mais uma janela ou um quadro, senão uma mesa de informação onde deslizam dados. Este processo se acentua consideravelmente na era da internet e facilita aquilo que, ao iniciar este artigo, chamamos de “viagens de verificação” (DELEUZE, 2013a, p. 104). As pessoas podem fazer cinema: “o mundo faz cinema”, visto que

qualquer um com seu celular pode ir – como foram muitos antes da pandemia – conferir as escadas onde dançava o *Coringa* (Todd Phillips, 2019).

O que pretendo fazer agora é pensar a última função da imagem, ou seja, quando nós deslizamos para dentro dela, no contexto das sociedades de controle, de acordo com a análise que Deleuze (2013b) sublinha em Foucault. Em todo caso, a sociedade de controle é precisamente a nossa, aquela na qual nos encontramos hoje.

As sociedades de controle, segundo Deleuze, têm uma lógica que remete à passagem da fábrica para a empresa. Vemos o surgimento de prêmios, metas e cargos que modulam os salários como nesses jogos da TV, onde você ganha mais dinheiro se responde à pergunta correta (*Slumdog Millionaire* – Quem quer ser um milionário? Danny Boyle, 2008). Há uma rivalidade emuladora que contrapõe os indivíduos entre si, até os colegas, para ver quem produz mais, quem fala melhor etc. Isso afeta a educação pública, porque os alunos também são ensinados a passar por esse controle contínuo que nunca tem fim, adaptado ao modelo da empresa. O filme sobre o livro de Kafka: *O processo* (Orson Welles, 1962); nos mostra como operam as formas jurídicas e impositivas, aquelas moratórias ilimitadas nas quais você entra e fica para sempre endividado. Prestações intermináveis que consomem as pessoas das classes baixas, impostos que as classes médias sempre devem ao Estado. Nunca terminamos de entender como será paga essa dívida, inclusive a dívida pública e a dívida externa.

Deleuze ressalta outra ideia da sociedade disciplinar, que Foucault atribui ao modelo do pastor-rebanho: o pastor-rebanho. Vemos muito aqui no Brasil, sobretudo nas igrejas neopentecostais, mas não cabe aprofundar essa linha agora. Só diria, para voltar ao coronavírus, que a “imunidade de rebanho” pregada pelo presidente dos Estados Unidos e pelo primeiro-ministro britânico, alardeando que o contágio da maioria da população nos daria resistência contra o agente infeccioso, não passou de falsa crença. Fernández Vega (2020) destaca que o próprio Boris Johnson foi internado por Coviv-19, fato que teve como resultado a surpreendente e comovedora apologia do sistema de saúde britânico, que lhe salvou a vida graças aos enfermeiros imigrantes que o cuidaram, aqueles que antes ele acusava de viver dos impostos pagos pelos homens de bem. O mesmo discurso que ouvimos do presidente brasileiro, ao afirmar que não se deve parar a economia do país por causa de uma “gripezinha” que só mataria aos que tivessem que morrer e ponto.

Na sociedade de controle, a identidade de uma pessoa, antes expressa pelo número da carteira de identidade ou pela assinatura que nos individualiza, deve ajustar-

se ao uso de senhas com acesso à informação. Há também uma transformação do dinheiro: as antigas moedas de ouro são substituídas por cartões com chip e pelo dinheiro digital, resguardado em cifras com senhas.

Aparecem, naturalmente, teorias da conspiração – pensando nos filmes de ficção científica, mas nem tanto, pois estas coisas já estão acontecendo ou acontecerão no futuro próximo –, como a implantação de um chip que permitiria controlar às pessoas. Sem ir mais longe, a série brasileira 3% (Netflix, 2016) vislumbra uma espécie de imunização por vacina eletrônica, que pauta a divisão entre “o lado de lá” e “o lado de cá”. Nesse sentido, mecanismos de controle já existentes, como os serviços de localização por GPS que operam em todos os celulares, marcando “em tempo real” a posição do usuário em qualquer lugar do planeta, poderiam bloquear ou liberar acessos mediante senhas, reconhecimento facial ou biometria.

Considerações finais

Tudo isso se relaciona com o cinema se lembrarmos que desde sua origem este nos oferece uma multiplicidade de imagens, captada por uma câmera imersa na realidade filmada. Claro que essa realidade se transforma à medida que a tecnologia se desenvolve, como vimos, quase sempre em função do controle. Em relação à medicina, que desponta como possível salvação nas condições atuais da pandemia, mas também pode ser vista como instrumento de dominação e dependência, a sociedade de controle concebe “uma medicina sem médico nem doente” (DELEUZE, 2013b, p. 229), mas composta de grupos de risco, o que nos devolve à biopolítica – face visível do necropoder –, porquanto esses grupos substituem indivíduos reais por uma cifra a ser controlada. Daí a proliferação de tabelas e gráficos com o número de casos, o número de óbitos, a estratégia de aplanar curva etc. Perguntamo-nos, então, não só pelo que vai mudar, senão pelo que vai continuar sob a forma da desigualdade social. Será que a pandemia está forçando o Estado a tomar conta de uma parcela da população que já deveria ter cuidado antes, mas não o fazia? Talvez seja isso o que mude, ao menos por um tempo. Nenhuma solução para o problema da desigualdade, mas cortar investimentos em saúde e educação em proveito da economia, com a falsa promessa de zerar as contas públicas, põe de manifesto um discurso perverso, que imediatamente abre caminhos para pensar e exigir um auxílio permanente.

Referências

DELEUZE, Gilles. *Cinema 2 – A imagem-tempo*. São Paulo: Ed.34, 2018.

DELEUZE, Gilles. *Carta a Serge Daney: otimismo, pessimismo e viagem*. In: *Conversações*. São Paulo: Ed.34, 2013a.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. In: *Conversações*. São Paulo: Ed.34, 2013b.

ESTÉVEZ, Adriana. *El zoomismo y el disciplinamiento para la inmovilidad productiva*. Nexos, 6 de abril de 2020. Disponível em: <https://medioambiente.nexos.com.mx/?p=277>. Acesso: 06 abr. 2020.

FERNÁNDEZ VEGA, José. *Enemigos de la humanidad: el coronavirus y las tareas del proletariado*. El cohete a la luna, 19 abr.2020. Disponível em: <https://www.elcohetealaluna.com/enemigos-de-la-humanidad/>.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1983.

FRATESCHI, Yara Adario. *Mulheres, Violência e Desigualdade no Momento Atual*. Mediação: Mario V. Santos. Casa do Saber, 16 de abr. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2JL1mCKkX3U>.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.